

AD22046

*Violência
drogas*



DOUTOR NAZAR

doutorjosenazar@gmail.com

... eu me drogo, logo existo!



O uso e o abuso de drogas necessita ser melhor debatido pela sociedade. O problema deve ser abordado na relação do sujeito dependente com a droga bem como na sua relação com a família e a sociedade.

Aqui é necessário levar em conta as medidas e as intervenções de redução de danos. Em todos os sentidos!

O que leva alguém a ser um viciado em drogas? Tornar-se dependente é uma escolha forçada, vale dizer, ninguém se torna dependente porque quer.

O sujeito, por não suportar o dilaceramento de uma angústia mortificante, é levado a procurar um meio de se livrar do seu sofrimento. Primeiro, vem a fragilidade psíquica, a doença de cada um. Depois, o vício. Isso explica as várias modalidades de significações nas relações dos indivíduos com as drogas.

A droga causa um certo fascínio, pela falsa ideia de aliviar as dores de existir: ela anestesia a realidade, as coisas difíceis que todos temos de enfrentar.

Deste modo, o indivíduo torna-se um dependente contra a sua própria vontade consciente. O que o levou a render-se à escravidão das drogas? Um movimento equivocado para fugir de uma forte depressão. O sujeito que usa drogas é um ser deprimido, acredita que pode escapar dos efeitos desagradáveis de seus conflitos interiores, suas frustrações, suas perdas.

A tristeza é um afeto que o acompanha desde sempre. Ela veio de algum trauma experimentado na relação com a família, e quando não a tem isso pode ser um fator desencadeante. De todo modo, o sujeito no vício está mal, aprisionado, sem saída. É isso que o leva a procurar, nas drogas, um meio de se livrar do medo de se afundar no buraco da dor de existir.

São indivíduos que entram de cabeça num universo nebuloso, vivenciando o drama de um anonimato que os leva a não saberem mais quem são. Eles se confundem de tal maneira com o que consomem, que acabam perdendo as insígnias do seu próprio eu: "tornei-me uma droga, eu sou uma droga, eu só existo a partir da droga, minha identidade agora é a droga, sou a droga!"

Uma coisa é alguém fazer o uso de uma droga, eventualmente, ter um certo domínio sobre a mesma, saber que lugar ela ocupa na sua vida. Mesmo assim, a droga ocupa o lugar de muleta

na vida da pessoa, tal como os antidepressivos, usados indiscriminadamente. Estes, como tantas outras substâncias, são, também, drogas. São excelentes coadjuvantes no tratamento de algumas síndromes depressivas quando articulados à possibilidade do sujeito falar do seu sofrimento. Hipócrates, pai da Medicina, já nos ensinava que a doença fala pela boca.

O fundamental é que cada um possa lidar com a sua vida assumindo as consequências de suas escolhas.

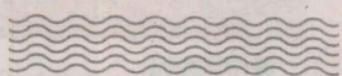
Mas existem sujeitos que, em função de um sofrimento psíquico maior, entram numa relação de sofreguidão com as drogas, tendo muitas dificuldades de sair do vício sem uma intervenção contundente.

É um universo alucinante, tempestuoso, quase impossível de descrever.

Drogas existem desde o início da civilização. Com o tempo, houve um desdobramento: há drogas lícitas, aquelas que são permitidas por lei, que circulam no mercado, tributadas pelos estados, algumas testadas em seus efeitos nocivos, outras não. Nesse campo, encontramos drogas que somente são obtidas com prescrição médica.

Mas há também drogas ilícitas. Aquelas que têm a propriedade de causar satisfações desmedidas e sempre caminham fora do quadro socioeconômico, fora de uma lei vigente em mercados de algumas sociedades, e circulam em um campo específico, nomeado de narcotráfico. São drogas não aceitas – até que se possa mudar ou não uma lei que venha inseri-las no mercado –, proibidas, porque a elas são creditadas uma capacidade de viciar e de causar danos, tanto aos indivíduos quanto às sociedades como um todo pois, em seu entorno, tende a se manifestar um cúmulo de transgressões.

No primeiro grupo, temos os psicotrópicos, a bebida alcoólica, o cigarro, e outras coisas mais. No segundo grupo, temos uma variedade: maconha, cocaína, heroína, e por aí vai.



A droga causa um certo fascínio, pela falsa ideia de aliviar as dores de existir

José Nazar é psiquiatra e psicanalista.

VITÓRIA, ES, DOMINGO, 02 DE DEZEMBRO DE 2012 ATRIBUNA 11

NAZAR, eu me drogo, logo
escrito! Atribuna. Vitória-ES,
02 de dezembro de 2012. p 11.
e 3 e 4.